



<https://doi.org/10.21680/1984-817X.2025v1n01D38581>

ENTRE O SOBRENATURAL E O REAL: mulheres em Lovecraft Country

Débora Ariane Siqueira Nunes¹

RESUMO:

Esta pesquisa pretende fazer uma leitura da série televisiva Lovecraft Country (2020), com autoria de Misha Green, mulher, negra e estadunidense, que aborda personagens negras nos EUA dos anos 1950, dialogando com o conceito de interseccionalidade na perspectiva de Akotirene (2019) e com a proposta de um feminismo nas veias da amefricanidade proposto por Lélia Gonzalez (2020), assim por objetivos específicos analisar a interseccionalidade presente nessas personagens afrodescendente confrontadas com o racismo estrutural, pensar como é o discurso produzido pela série acerca dessas mulheres; bem como refletir acerca de personagens negras, pensando em como a resistência cultural foi central para a formação da identidade feminina e negra estadunidense. Sendo esta pesquisa de natureza qualitativa, descriptiva e transversal, é uma análise documental baseada em pesquisas bibliográficas, literárias e filmicas. A partir de tais leituras em diálogos transdisciplinares com estudiosos, observou-se que Lovecraft Country (2020) subverte uma lógica racista e supremacista, presente no autor que lhe inspirou e na época que retrata, oferecendo uma narrativa multifacetada, onde observamos a resiliência das culturas afro-estadunidense através do discurso de personagens femininas para analisar seus sujeitos históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade; Lovecraft Country; História Afroamericana; Resistência negra; Narrativas das Mulheres.

BETWEEN THE SUPERNATURAL AND THE REAL: women in Lovecraft Country

ABSTRACT:

This research aims to read the television series Lovecraft Country (2020), written by Misha Green, a black American woman, which addresses black characters in the United States in the 1950s, dialoguing with the concept of intersectionality from the perspective of Akotirene (2019) and with the proposal of a feminism in the veins of Amefricanity proposed by Lélia Gonzalez (2020). Thus, with specific objectives, it analyzes the intersectionality present in these Afro-descendant characters confronted with structural racism, thinks about the discourse produced by the series about these women; as well as reflects on black characters, thinking about how

¹ Graduada em Psicologia pela Uni Católica do RN; Esp. Arteterapia pela FAMEESP; discente do curso de História da UERN e membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). E-mail: debyariane310@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4191680000479946>;

cultural resistance was central to the formation of the American female and black identity. Since this research is of a qualitative, descriptive and cross-sectional nature, it is a documentary analysis based on bibliographic, literary and film research. From such readings in transdisciplinary dialogues with scholars, it was observed that Lovecraft Country (2020) subverts a racist and supremacist logic, present in the author who inspired it and in the time it portrays, offering a multifaceted narrative, where we observe the resilience of African-American cultures through the discourse of female characters to analyze their historical subjects.

KEYWORDS: Intersectionality; Lovecraft Country; African-American History; Black Resistance; Women's Narratives.

Introdução

É possível separar o autor da obra? Uma obra não é alheia ao seu tempo, de acordo com o proposto por Chartier (1981). H.P Lovecraft, como é conhecido Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), foi um influente autor estadunidense da primeira metade do século XX, até hoje referenciado por autores como Neil Gaiman, Stephen King e outros. H. P. Lovecraft é conhecido, dentre outras coisas, como pai do gênero do “terror cósmico” (DECAMP, 2011), autor de figuras como Cthulhu², e segundo Freitas (2020), um viral racismo que muito representa o cenário cultural da sua época.

Uma escrita extenuante de rigor coercitivo, direciona o leitor numa narrativa que elucida a incapacidade humana de compreender o desconhecido. Não sem frequência com seus personagens sucumbindo a insanidade. Lovecraft hoje influencia a cultura pop, seja em filmes, livros ou jogos, construindo uma atmosfera de medo ainda que com pouca frequência precise materializar seus monstros. Com uma vasta literatura pessimista tocada em notas graves de tensão psicológica que são transpostos na adaptação de um cenário em que os personagens parecem estar sob

² LOVECRAFT, H. P. O Chamado de Cthulhu e outros contos. São Paulo: Pandorga, 2018. — uma entidade antiga, com monstruosos tentáculos que podia influenciar a mente das pessoas. Hoje, bastante referenciado na cultura pop.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

constante vigilância e perigo. Sem, contudo, ignorar a outra alcunha pela qual o autor ficou conhecido na contemporaneidade: seu racismo (GARCIA, 2023).

É embebendo desses elementos lovecraftianos que a diretora Misha Green se a Jordan Peele e brinda o telespectador com a série Lovecraft Country (2020), para nos apresentar que terror cósmico algum pode ser mais perigoso que a realidade de um afrodescendente nos EUA do século XX; e nesse recorte, a lente de como é ser uma mulher negra é colidir com o sistema de opressão.

A série de televisão — assim como seu livro base, escrito por Matt Ruff e publicado pela primeira vez em 2016 —, se inspira nas produções literárias do afamado escritor estadunidense H.P. Lovecraft se apropriando dos elementos criados por Lovecraft para subverter a lógica do autor, apresentando a narrativa pelo ponto de vista desses grupos “estrangeiros”, não deixando o contexto de segregação e preconceito em que as obras originais estavam inseridas, mas desafiando e subvertendo os temas lovecraftianos. Discutindo a partir disto, com profundidade e destemor, as questões raciais e misóginas nos Estados Unidos da década de 1950.

Protagonizada por personagens afro-estadunidenses, colididas nas ruas da interseccionalidade proposta por Akotirene (2019) e Crenshaw (2004), enfrentando, tanto monstros lovecraftianos, quanto o terror do racismo cotidiano. A série apresenta uma rica tapeçaria de temas que dialogam com a proposta de amefricanidade desenvolvida por Lélia Gonzalez (2020).

A amefricanidade, conforme definida por González, enquanto uma categoria político-cultural que permite a fusão das culturas africanas e americanas na formação das identidades afrodescendentes na América, destacando a resistência cultural como um elemento central. Fernando Ortiz (1940), antropólogo cubano, aponta as relações de cultura como algo passível de mudança e adaptação, seu conceito de “transculturação” — fenômeno de transmissão, união, assimilação e fusão entre culturas distintas — expressa um processo frequência na história da

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

humanidade, quando a cultura, enquanto fator mutável, adapta ao contexto histórico físico-temporal.

Neste trabalho, exploraremos como *Lovecraft Country* (2020) sob a ótica de Misha Green, retrata a resistência, a hibridização cultural e a complexidade das identidades negras, dialogando com o conceito de interseccionalidade na perspectiva de Akotirene (2019) e com a proposta de um feminismo nas veias da ameficanidade proposto por Lélia Gonzalez (2020) utilizando a interseccionalidade para pensar essas mulheres e a ameficanidade como uma lente analítica. Tendo assim por objetivos específicos analisar a interseccionalidade presente nessas personagens afrodescendentes. Através de uma análise de natureza qualitativa, descritiva e transversal, é uma análise documental baseada em pesquisas bibliográficas, literárias e filmicas. Na contramão de movimentos contemporâneos que revisitam narrativas de época, ignorando os temas de opressão ou dando protagonismo a personagens brancos — Exemplo, respectivamente, *Perdida* (2021) e *Histórias Cruzadas* (2011), a série de Misha Green, e como ela aborda personagens negras nos EUA dos anos 1950, não apenas reflete, mas também enriquece a compreensão contemporânea das experiências afrodescendentes e resistência histórica, ao mesmo tempo em que desafia e reconfigura as narrativas tradicionais sobre raça e poder.

Colisão de corpos com racismo

As obras de H.P. Lovecraft tem uma notória escassez de personagens femininas, mas vastas passagens sobre os perigos “de um outro”, ao que Freitas (2020) aponta como um viés escancarado de xenofobia, em especial contra negros e asiáticos. Traço que parece ser também a reverberação de um binarismo tipicamente ocidental, que inevitavelmente cria um outro abstrato em oposição que constrói identidades (BUTLER, 2019). Vastas também são as passagens na escrita de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Lovecraft que trazem de maneira escancarada, com um requinte senso de superioridade, seu racismo.

A exemplo o trecho do poema a seguir: “Uma besta que eles criaram, em figura semi-humana, / Preencheu-a com vício, e chamou a coisa de Negro” (LOVECRAFT, 1912, n.p.). Ainda que, em vida, não tenha ganhado grande notoriedade, as produções do autor repercutiram, esse trecho não apenas radical, como denota uma concepção hierárquica que são a base da sua literatura (GARCIA, 2023). Mas também eco da história dos EUA (PRUDY, 2013).

A década de 1950 nos EUA foi marcada por movimentações políticas contra as leis segregacionistas. No episódio intitulado Sundown (LOVECRAFT Country, 2020, episódio 1), somos apresentados às personagens de Atticus Freeman, seu tio George Freeman, e Leti Lewis, uma jovem mulher que não parece conformada com o papel social imposto a ela pela sociedade estadunidense. Os três seguem a estrada para a cidade de Tulpa em busca do pai do protagonista — Atticus. Porém, sua estrada está cheia de perigos sobrenaturais e cordames de um racismo sistêmico que ameaça enforcá-los em cada parada errada. E como se mantém consistente em toda a série, as personagens femininas assumem o volante para sobreviver aos perigos da sua sociedade.

Numa sacada astuta de situar a série nos anos 50, temos cenas gráficas, contornadas pela tensão psicológica e constante sensação de vulnerabilidade que compartilhamos com o grupo. Em especial quando estes se encontravam com personagens brancos e nos perguntamos, juntos com as personagens, se havia algo que pudesse ser explorado pelas leis Jim Crow (OLIVEIRA, 2023), para puní-las, senão matá-las pelo simples fato de existirem naquele espaço de opressão e segregação.

Apesar atacados por monstros lovecraftianos, a maior tensão do episódio 1 é, como sugere seu título, o pôr-do-sol numa cidade sundown, onde, segundo Butler

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

(2021), a segregação racial era tão estrutural ao ponto de, ao anoitecer, a lei local não se responsabilizava pelo que aconteceria aos negros. E assim como na vida real, estar num território hostil era um risco de vida. O primeiro episódio exemplifica o racismo estrutural, destilado de violência e terror, onde vemos uma representação gráfica das dinâmicas de poder e opressão racial. Onde as personagens só sobrevivem pela coragem e sagacidade de Leti.

"A população é um emaranhado e um enigma sem esperança; elementos sírios, espanhóis, italianos e negros se sobrepondo uns aos outros, com uma base eslava corpulenta e frouxamente unida" (LOVECRAFT, 2013, n. p.). Apesar do favorecimento expresso pela imagem caucasiana dos estadunidense (PRUDY, 2013), como um país, sua história foi construída por muitos povos e etnias; uma nação com mais cores que o azul, vermelho e branco. Muito embora o carmesim seja coerente, num país mobilizado pela guerra, a propaganda estadunidense prega esta como sendo terra onde “qualquer um pode realizar seus sonhos”. Mas a que preço? Como pode um país construído por imigrantes, se negar a ser o lar desses mesmos? "Entrei em palácios de reis e rainhas e nas casas de presidentes. E muito mais. Mas eu não poderia entrar em um hotel na América e tomar uma xícara de café" (BAKER, *apud*, PAPISH, 1976, p. 213). Só mais uma das muitas contradições estadunidenses explicadas historicamente.

A imigração desempenhou um papel fundamental na construção da sociedade estadunidense. Seja impulsionando o crescimento econômico, ao fazer desses imigrantes mão de obra barata e fonte de exploração; ou promovendo diversidade cultural em meio a tensões sociais num dos países com maior extensão territorial do mundo. Aliás, foram essas ondas de imigração e imigrantes que permitiram a expansão territorial e política na corrida pelo “sonho americano” (PRUDY, 2013).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Estimasse que entre o final do século XIX e início do século XX, os EUA receberam em torno de 20 milhões de imigrantes (JONES; MIELANTS, 2015). Embora, encontros culturais pacíficos estejam longe de ser a regra em solo estadunidense, de acordo com Gomes (2013); como os povos nativos podem atestar. Depois de massacrar os povos nativos, se o país foi conquistado ou perdido, deixo para que decidam. É fato que todo sangue que corre é vermelho. Mas nos EUA quem “sangra” tem cor, recorte étnico e socioeconômico. E não é a elite branca.

“Pois o salário do pecado era visível em todos os lugares, [...] em cada sino de ambulância tocando, em cada cicatriz no rosto [...], em cada bebê recém-nascido indefeso sendo levado a esse perigo” (BALDWIN, 1963). Você pensaria, se distante da realidade de um negro afro-estadunidense, que uma criança estaria, ao menos na ternura da infância, a salvo da leitura racista. A série mostra uma referência discreta a um garoto de 14 anos, Emmett Louis Till, acusado injustamente de ofender a honra de uma *mulher branca*. E por isso foi sequestrado, torturado e linchado, no estado do Mississipi, em 1955 (TYSON, 2017). Porém, o assassinato de Emmett Till mostra que, ainda que *Lovecraft Country* (2020) utilize do horror sobrenatural como metáfora para o racismo, esse último é mais brutal, implacável e real que qualquer outro monstro lovecraftiano.

“Quando, há muito tempo, os deuses criaram a Terra / À bela imagem de Júpiter, o homem foi moldado ao nascer. Para preencher a lacuna e unir o resto ao homem, / [...] / Eles criaram uma fera [...]” (LOVECRAFT, 1912). Ainda o poema seja em sua inteireza um flagrante da visão do autor sobre os negros, sua escolha de palavras nos dá margem para interpretação. Beauvoir (1980) vem dizer que a mulher também é interpretada como esse “outro” e esse se torna um dispositivo fundamental para opressão. Porém, como ressalta a personagem Christine na série, ela era mulher, o que portanto a deixaria num espaço vulnerável. Mas ainda era

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

branca. E não, Hooks (2020) vem dizer que não é a mesma leitura. Ser “mulher” e ser “mulher negra” era um recorte bem distinto para uma sociedade pautada na hierarquia racial (AKOTIRENE, 2019). Enquanto o feminismo descrito por Beauvoir (1980) defendia o direito das mulheres de classe média trabalharem, as mulheres negras sempre trabalharam nos EUA, portanto, esses grupos não reivindicavam as mesmas coisas. É tentando dar conta dessas questões que Crenshaw (2004) cunha o termo de interseccionalidade, se referindo a quando diferentes esferas de opressão encontram seu eixo num grupo. Colidindo com os sujeitos. É através da lente desses sujeitos que a série *Lovecraft Country* (2020) nos apresenta uma narrativa tão brutal e ao mesmo tempo intimista.

Invocando a pseudociência do darwinismo social, logo, alguns eram mais “aptos” para ter sucesso nos EUA. Essa ideologia fornecia uma justificativa pseudo-científica para a concentração de poder e riqueza nas mãos de uma minoria racialmente determinada, enquanto marginalizava e discriminava grupos considerados menos “aptos”. Ignorando, convenientemente, as estruturas sociais excludentes que eram o esqueleto da sociedade estadunidense.

Pacto de sangue e ossos da branquitude e resiliência nas raízes da amefricanidade

O conceito de amefricanidade vem para designar a todos afrodescendentes do continente a combinar as palavras “América” e “África”, com o intuito de representar a fusão cultural e a identidade dessa fusão (GONZALES, 2020). Tal categoria político-cultural da ênfase a herança africana e indígena, presentes, principalmente nas culturas latino-americanas; com um certo desafio de narrativas dominantes que constantemente marginaliza tais aportes:

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

As implicações políticas e culturais da categoria de Amefricanidade (“amefrikanity”) são, de fato, democráticas exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A América e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). (GONZALEZ, 2020, p.76)

Gonzales (2020) traz pontos importantes a serem debatidos e consultados, como a Cultura e a Identidade. A autora discorre sobre como a amefricanidade representa o apanhado cultural das atuações africanas e indígenas na formação das identidades da América Latina. Outro ponto de suma importância que a autora traz, é a Resistência. Ela destaca a amefricanidade como uma forma de resistência contra a “hegemonia eurocêntrica”; onde havia a necessidade de reconhecimento, respeito e valorização das raízes africanas e indígenas também na cultura latino-americana.

No episódio *Holy Ghost* (LOVECRAFT Country, 2020, episódio 3), o título, em tradução livre “Fantasma Sagrado”, que também pode se referir ao “Espírito Santo”, não apenas brinca com essa expectativa do telespectador, ao começar numa igreja e depois seguir para uma casa mal-assombrada, como, exemplifica um dos temas centrais do conceito de amefricanidade, a resistência cultural.

Durante esse período, os EUA enfrentaram uma intensa segregação racial. As leis de Jim Crow estabeleceram uma estrutura legalizada que obrigava a segregação racial em escolas, transporte e outros espaços públicos, perpetuando assim a discriminação sistemática contra afro-estadunidenses e pessoas não brancas (FREITAS, 2020). Mesmo a Suprema Corte tendo desafiado essa segregação, ocorreram muitos confrontos e protestos como o boicote aos ônibus de Montgomery, liderado por Rosa Parks (1913-2005) em 1955-1956 (FREEDMAN, 2023). E vozes como as de Dorothy Height (1912-2010) e Claudette Colvin (1939-) e Rosa Parks emergindo como vozes proeminentes na luta pela igualdade racial.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Mesmo a segregação continuando predominante, os anos 1950 deu início às mudanças significativas nas décadas seguintes (ÁVILA, 2022).

Porém, assim como na série, não há de se esperar uma comunidade negra passiva, mas com proeminentes figuras intelectuais e políticas, denunciando os abusos e buscando os direitos civis, na sua faceta mais militante, como é o caso de Leti e Ruby, na série. A História contou com nomes como Josephine Baker (1906-1975), Zora Neale Hurston (1891-1960) e Anna Julia Cooper (1858-1964), fontes de inspiração e reconhecimento identitário. Gonzales (2020) dá uma precisa ênfase na importância do reconhecimento das contribuições e dos papéis dos afrodescendentes na construção e formação de quase toda sociedade da América Latina. A cultura afrodescendente foi um recurso “vital” — se assim podemos chamar —, na construção da identidade americana, onde refletia também em diversas formas de expressões culturais, como as músicas, danças, e até nas religiões. Que todavia, foram colocadas por anos nas lentes da desconfiança e marginalização (NASCIMENTO, 2021).

No Julgamento das Bruxas de Salem (1692-1693) uma das primeiras mulheres acusadas foi Tituba, escrava de etnia debatida, mas certamente não branca (ROSA, 2020), isso só reforma como representações e estereótipos — e claro, o racismo — influenciam ativamente nossas vidas. E não apenas isso, como a vivência e prática religiosa não eurocêntrica — cristã — recebe uma conotação negativa diante dos privilégios brancos, inclusive religiosos. Em *Holy Ghost* (LOVECRAFT COUNTRY, 2020, episódio 3), quando adentramos com as personagens principais na nova residência, um casarão em um bairro de pessoas brancas na grande Chicago, vendido barato pela fama de mal-assombrado, salve eventuais sustos — de fazer o coração tropeçar no peito e o estômago se revirar — causados pelos espíritos na casa, a noção de horror sobrenatural vem figuras bastante vivas. E mal intencionadas. Revoltados por terem pessoas negras no bairro, a vizinhança racista os atormenta a todo custo. Ao que Leti responde, após um longo exercício de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

paciência, com um taco de beisebol. Apesar de ter sua casa depredada, invadida e ameaçada, é a resposta de Leti, uma personagem negra, que é lida pela polícia como “crime”. E quando isso não funciona para expulsar Leti e o pequeno grupo que ela hospedou no casarão — dialogando com a ideia de comunidade na qual a população afrodescendente precisou se amparar para resistir a anos de opressão e violência —, alguns vizinhos supremacistas brancos decidem invadir a casa armados de bastões e outras armas brancas.

Mas acontece que o casarão era mesmo assombrado. O espírito de um homem branco, de meia idade, vinha causando acontecimentos estranhos e potencialmente letais no casarão. Bem como diversos espíritos de pessoas negras, mutiladas das mais brutais e aterradoras formas, fazendo aparições na residência. Como se não fosse o bastante, esse que foi o episódio mais angustiante da produção — em minha opinião —, as aparições mostradas ao longo desse episódio, faziam referência a pessoas reais.

Enquanto que o espírito do proprietário original da casa, além de membro de uma seita supremacista de ocultismo recorrente na trama, era também quem tentava matar os atuais moradores. Os demais espíritos ali, eram vítimas do médico dessa ordem supremacista, que realizou em pessoas negras, por anos, experimentos pseudocientíficos — em verdade, torturas crueis e absurdas — contra suas vontades, sádicos em último grau ao ponto de até suas almas serem mutiladas. Mostrando o quanto os avanços dessa sociedade foram pavimentados pelo sangue, ossos e almas, que sofrem tentativa de apagamento para não desvelar a verdade que o sonho estadunidense guarda em seu porão. O crescimento estadunidense, se deu em cima de corpos negros.

Há muito simbolismo quando a série, ao final do episódio, humaniza esses fantasmas, inspirados em pessoas reais, negros como os homens vitimas do experimento de Tuskegee, expostos por decadas a uma doença que já tinha cura a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

epoca, sem seu conhecimento ou tratamento para que os médicos compreendessem como a sífilis se desenvolvia no corpo (WASHINGTON, 2006). Além das inúmeras mulheres expostas a cirurgias sem anestesia, não consensuais e esterilização forçada, foram violentados em experimentos sem que base científica e violando a liberdade autonomia dos corpos, segundo Roberts (2014), esses fatos exploram como está presente nos Estados Unidos, o controle de corpos de mulheres negras. Contudo, a série de Misha Green é sensível ao abordar como essas pessoas precisam ser lembradas, mas também receberem justiça, ainda que póstuma. Ainda nesse episódio, Leti consegue sobreviver falando seus nomes e lembrando a eles de suas identidades, onde juntos, recuperam sua força e conexão espiritual para banir o fantasma do médico racista e supremacista branco. Percebo agora, de maneira simbólica e muito poderosa na narrativa.

E essa solidariedade, esse senso de comunidade, se dá não apenas de Leti para como esses fantasmas, mas é revelado que esses espíritos, mesmo machucados, vinham protegendo os moradores da casa dos ataques dos criminosos racistas — vulgo os vizinhos “de bem” do bairro —, mais uma vez reforçando a ideia de comunidade e resistência cultural pelo próprio direito de existência.

Narrativas de poder e liberdão

A série deu dicas sutis que o dono original da mansão não apenas era um supremacista, como membro do grupo de ocultismo do condado de Lovecraft, responsáveis pelos eventos sobrenaturais dos episódios anteriores. E como mencionado com indignação: “a magia também está do lado dos brancos?” (LOVECRAFT Country, 2020, episódio 2). O que em si, era neutro, e traço cultural, vinha sendo usado pela elite branca como meio de opressão.

Contudo, se o episódio 3 começa com Leti e Atticus numa igreja, lamentando a perda, isso de nenhum modo é excludente para que os personagens

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

recorram ao vodu como forma de proteção contra o sobrenatural e mais tarde, para o exorcismo. Ainda que a resistência seja um traço importante para formação da identidade afrodescendente, não se deve ignorar outro elemento da amefricanidade como proposto por Gonzalez (2022), que *Lovecraft Country* (2020) aborda com sensibilidade e propriedade: o hibridismo cultural.

Seja na trilha sonora da série, bordada por blues e jazz, a cultura afroamericana é retratada de maneira viva. Mais do que uma música de improviso, o jazz tem a cadência de “uma viagem pelo rio Mississippi”, com meandros e mergulhos alternando na placidez, mas sempre desconhecendo o que guardava em suas profundezas. “Esse gênero musical expressou brilhantemente a condição contraditória de ser ‘livre e cativo ao mesmo tempo’” (PRUDY, 2013, p.184). Contraditório, porém dialógico, ao soar a liberdade das águas constantemente cerceada em suas margens com cada vez mais ferros, sufocada pelos transeuntes indiferentes. Para a população negra americana, a liberdade constitucional só dava outro nome à exploração, e certamente não era sinônimo de integração. Os negros estadunidenses eram prisioneiros da própria nação que ajudaram a construir, tendo calada suas vozes. Como o autor aponta, Jazz e blues foram por muito tempo, tão marginalizados quanto seu povo.

Expressando as contradições presentes nesse encontro assimétrico, os personagens lutam com suas identidades, frente a um mundo que tenta defini-los pela cor da pele. Ao explorar como as personagens negras navegam em um mundo de opressão e supremacia branca, *Lovecraft Country* (2020) aborda diretamente as dinâmicas de poder, e como novas identidades existem nesse choque, os quais Gonzalez discute em sua proposta de amefricanidade.

Diante da complexidade das identidades das mulheres afrodescendentes, a resistência vem como componente central e, ao dar agência as suas personagens negras, no enfrentamento de adversários sobrenaturais e humanos, a série “*banca seu*

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

protagonismo". E, se a magia era usada, como tantas outras coisas, como meio de opressão, silenciamento e manutenção de um *status quo* assimétrico pelos brancos, a decisão criativa nos oferece todo o impacto das personagens se apropriando da própria narrativa. Unindo elementos da magia branca com os conhecimentos e magia da sua própria ancestralidade, afrodescendente, as personagens viram o jogo, mesmo que através do sacrifício de um deles. A magia tirada da mão dos brancos. Essa conquista permite um futuro para os seus, sua família, sua comunidade, com novos paradigmas.

“Eu sei que, assim como sua mãe, você acha que pode esquecer do passado. Não tem como. O passado é uma coisa viva” (LOVECRAFT Country, 2020, episódio 1). Vivo, e de algum modo, interagindo ativamente conosco. Como narramos o passado é como explicamos o presente também. A memória é um elemento modular da identidade, de um sujeito e de um povo. Não se enganem, o passado vive em nós. Nenhuma árvore cresce sem raízes. Conforme aponta Machado (2013, p.08): “Embora escritores como Conceição Evaristo não tenham pretensão de renovar a historiografia, eles tem peso na disputa política da memória, fazendo emergir vozes marginalizadas de atores históricos fundamentais”. Com isso, falamos de mulheres, negras, periféricas; não minorias pobres, mas empobrecidas por séculos de desigualdade, negligência e barbárie. Vozes que ecoam, que resistiram.

Considerações finais

É possível separar o autor da obra? É possível ignorar o tempo em que foi produzida?

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A resposta dessa pergunta, a reação à pergunta, vai depender efetivamente de onde você se encontra no mundo, de qual é a sua noção de realidade, de qual é seu sistema de realidade. Ou seja, depende de suposições às quais nos apegamos tão profundamente a ponto de mal termos consciência delas (LOVECRAFT Country, 2020, episódio 1).

Talvez por isso, seja tão importante ouvir as histórias narradas por mulheres negras. Produtoras de narrativas nesse entre-lugar no qual foram colocadas. A década de 1950 nos Estados Unidos foi marcada por uma segregação racial institucionalizada, onde as comunidades afro-americanas eram sistematicamente marginalizadas. Onde a mulher negra e empobrecida — porque não vamos ignorar que isso é ação do sistema de controle no qual opera o mundo sob o recorte: sexo-raça-capital; e não uma condição inerente a sujeita. — era colidida com diversos eixos de opressão. *Lovecraft Country* (2020) coloca seus personagens em meio a este cenário, utilizando o gênero do terror para expor e criticar as realidades brutais do racismo. A série, no entanto, vai além de uma simples representação das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras; ela celebra a resiliência, a agência e a riqueza cultural dessas comunidades. Ao reimaginar os horrores de H.P. Lovecraft, conhecido por suas visões racistas, a série transforma o medo em uma ferramenta de resistência e empoderamento. E como disse Cooper (1892, p. 120): "A causa da liberdade não é a causa de uma raça ou seita, partido ou classe — é a causa da humanidade, o próprio direito de nascença da humanidade". A voz dos sujeitos tem muitos outros falando.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Daiara Suellen Gabriel de. **Direitos civis e ativismo negro feminino nas escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone (1950s-1960s)**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

BALDWIN, James. **Carta de uma região em minha mente**. In: BALDWIN, James. *The fire next time*. Tradução por Sandro Marques dos Santos. *The New Yorker*, 1963. Disponível em: <https://traduagindo.com/2023/09/09/james-baldwin-carta-de-uma-regiao-em-minha-mente/>. Acesso em: 06 de junho de 2024.

BEAUVIOIR, Simone de. **O Segundo sexo - fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Kim D. Releituras críticas para a história do pós-abolição. **Afro-Ásia**, n. 64, p. 740-759, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

COOPER, Anna Julia. **Uma Voz do Sul**. Xenia: Aldine Printing House, 1892.

DECAMP, L. Sprague. **Lovecraft: Uma biografia**. Hachette Reino Unido, 2011.

FARGE, Arlete. Famílias. **A honra e o sigilo**. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 (p. 559-594).

FREEDMAN, Russell. **Caminhando pela liberdade: A história do boicote aos ônibus em Montgomery**, Alabama, em 1956. Leya, 2023.

FREITAS, Luis Otávio Canevazzi. Miscigenação, racismo e fim do mundo na literatura fantástica de H.P. Lovecraft. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

GARCIA, Yuri. A Monstruosidade Xenófoba de Lovecraft: racismo e radicalismo nas criações literárias de um conservador. **Novos Olhares**, v. 12, n. 1, p. 91-103, 2023.

GOMES, Maria José de Souza. O Genocídio dos Índios Nativos Norte Americanos. **E-Revista de Estudos Interculturais**, n. 1, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções, diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HISTÓRIAS CRUZADAS. Direção: Tate Taylor. Produção: DreamWorks Pictures. Touchstone Pictures, 2011.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**. Editora Perspectiva SA, 2020.

LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018

LOVECRAFT Country. Criado por Misha Green. Estados Unidos: HBO, 2020. 1 temporada.

LOVECRAFT Country. Episódio 1, **Sundown**. Dirigido por Yann Demange. Estados Unidos: HBO, 2020. 1 episódio, 59 min. Exibido em 16 ago. 2020.

LOVECRAFT Country. Episódio 3, **Holy Ghost**. Dirigido por Daniel Sackheim. Estados Unidos: HBO, 2020. 1 episódio, 59 min. Exibido em 30 ago. 2020.

MACHADO, Bárbara Araújo. Memória, história e literatura na obra da escritora negra Conceição Evaristo. **X Seminário Internacional Fazendo Gênero, X**, p. 1-10, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

JONES, Terry-Ann; MIELANTS, Eric. **Migração em massa no sistema mundial: passado, presente e futuro**. Routledge, 2015.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

RUFF, Matt; PHILIBERT-CAILLAT, Laurent. **Lovecraft Country**. Presses de la Cité, 2019.

ORTIZ, Fernando. **Transculturação**. 1940.

OLIVEIRA, Victoria Cunha da Rosa. **Infiltrados na Klan: história, memória e segregação racial nos Estados Unidos**. 2023.

ROBERTS, Dorothy. **Matando o corpo negro: Raça, reprodução e o significado da liberdade**. Vintage, 2014.

ROSA, Leonardo Júnio Sobrinho; DA SILVA OLIVEIRA, Luiz Manoel. **NARRANDO A DIÁSPORA: OS ENTRELUGARES CULTURAIS E IDENTITÁRIOS EM I, TITUBA, BLACK WITCH OF SALEM, DE MARYSE CONDÉ**. **Revista e-scrita**: Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v. 11, n. 2, p. 84-101, 2020.

PAPICH, Stephen, **Lembrando Josephine** (Nova York: The Bobbs-Mererill Company, Inc.: 1976), 210-213.

PERDIDA. Direção: Katherine Chediak Putnam e Dean Law. Produção: Filmland Internacional. São Paulo: Amazon Studios, 2023.

PRUDY, Sean. **A ERA PROGRESSISTA: 1900-1920** .In: KARNAL, Leandro et. al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. 3^a ed. Contexto: São Paulo, 2013.

PORTELA, Eunice Nóbrega et al. **O PRECONCEITO E A INTOLERÂNCIA ENFRENTADOS PELA UMBANDA E CANDOMBLÉ RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS: UMA ABORDAGEM TRANSVERSAL E MULTIDISCIPLINAR**. **Processus Journal of Management, Legal and Financial Studies** , v. 12, n. 43, p. 15-30, 2021.

TYSON, Timothy B. **O Sangue de Emmett Till** . Simon e Schuster, 2017.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

WASHINGTON, Harriet A. **Apartheid médico: a história obscura da experimentação médica em negros americanos desde os tempos coloniais até o presente.** 2006.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade